



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844
n. 16, v. 2
set.2021-dez.2021
p. 143-154

Heteronormatividade e ideologia dominante: a recusa da música “Parabéns” da cantora Pablo Vittar

(Heteronormativity and dominant ideology: the refusal of the song “Parabéns” by singer Pablo Vittar)

(Heteronormatividad e ideología dominante: el rechazo de la canción “Parabéns” de la cantante Pablo Vittar)

Camila Franz Marquez¹

Luciana Iost Vinhas²

RESUMO: Com base na perspectiva teórica da Análise de Discurso Pêcheuxiana, o artigo tem o objetivo de refletir sobre a determinação ideológica no imaginário da identidade de gênero em conversa ocorrida entre locutor de rádio e ouvintes. O corpus é composto de dois prints da plataforma com mensagens instantâneas de WhatsApp. Os prints foram retirados da rede social Twitter. Nas conversas, a Rádio Super FM 89.1 recusa-se a tocar a música “Parabéns”, da cantora Pablo Vittar, com o argumento de que não irá tocá-la por não saber a identidade de gênero da drag queen. Sabemos que a ideologia se materializa na linguagem; sendo assim, os sentidos atribuídos não são característicos da língua e sim da forma como o sujeito se relaciona com a ideologia, ou seja, o processo de produção de sentido varia de acordo com a identificação do sujeito com determinada formação discursiva. Compreendemos que, com a análise, há a resistência aos saberes que causam opressão e reproduzem diferentes tipos de violência na nossa formação social.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. Gênero. Formação discursiva.

Abstract: Based on the French Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux, this article reflects on the ideological determination that influences the social imaginary about gender identity from a conversation between a radio host and the listeners. The corpus consists of two screenshots of WhatsApp messages taken from Twitter. In the conversations, Rádio Super FM 89.1 refuses to play the song “Parabéns” by singer Pablo Vittar, on the grounds that he does not know drag queen’s gender identity. We know that ideology materializes itself in language; therefore, the meanings assigned are not characteristic of language, but of how subjects relate to ideology, that is, the process of meaning production varies according to the subject’s identification with a particular discursive formation. We understand that, with the analysis, there is resistance to the knowledge that causes oppression and reproduces different types of violence in our social formation.

Keywords: Discourse analysis. Gender. Discursive formation.

Resumen: ABasándose en la perspectiva teórica del análisis de discurso pecheuxiano, este artículo tiene el objetivo de reflexionar sobre la determinación ideológica en lo imaginario de identidad de género de una conversación entre locutor de radio y oyentes. El corpus está compuesto de dos capturas de pantalla de la plataforma con mensajes instantáneos de WhatsApp. Las capturas de pantalla fueron retiradas de la red social Twitter. En las conversaciones, la Rádio Super FM 89.1 se niega a tocar la canción “Parabéns” (“Felicitaciones”), de la cantante Pablo Vittar, con el argumento de que no sabía la identidad de género de la drag queen. Sabemos que la ideología se materializa en el lenguaje; así los sentidos que se atribuyen no son característicos de la lengua, sino de la forma como el sujeto se relaciona con la ideología, es decir, el proceso de producción de sentido varía de acuerdo con la identificación del sujeto con determinada formación

1 Mestranda em Letras na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: millamarquez@gmail.com.

2 Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: lucianavinhas@gmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 01/06/2020

Aceito em 17/03/2021

discursiva. Entendemos que, con el análisis, hay resistencia al conocimiento que provoca opresión y reproduce diferentes tipos de violencia en nuestra formación social.

Palabras clave: Análisis del discurso. Género. Formación discursiva.



1 Considerações iniciais

Utilizando o aporte teórico da Análise de Discurso de linha francesa (AD), no presente trabalho será analisado um diálogo entre um locutor de rádio e seu ouvinte. Assim, o objetivo do artigo é tratar sobre as determinações ideológicas envolvendo a significação sobre a cantora Pablo Vittar por um veículo de comunicação que divulga músicas a pedido dos ouvintes. O referido diálogo é realizado entre um ouvinte que solicita uma música da cantora através da plataforma de mensagens instantâneas WhatsApp, cujos *prints* foram veiculados pelos ouvintes da rádio na rede social Twitter. São dois prints com ouvintes diferentes nos quais está registrado que a Rádio Super FM 89,1 se recusa a tocar a música “Parabéns” da cantora Pablo Vittar, sob o argumento de que não irá tocar a música por não saber a identidade de gênero da cantora *drag queen*.

Devido à inquietude pessoal acerca de discursos que provém das discussões de identidade de gênero, a recusa de tocar a música de uma *drag queen* chamou a atenção ao que se refere à identificação ideológica reproduzida pela rádio, enquanto parte de um aparelho ideológico da informação. (ALTHUSSER, 2008) Adiantamos que o texto que será analisado reforça e cristaliza a heteronormatividade como algo natural e coloca, por outro lado, a homossexualidade como algo anômalo. A interrogativa *como o que está dito se relaciona com o interdiscurso?* será a questão norteadora para interpretação da análise, visto que, para Orlandi (2010, p. 45), “não há sentido sem interpretação”.

Os saberes oriundos do interdiscurso que naturalizam tal discurso funcionam como algo costumeiro, como algo que está sempre lá e que pode e deve ser dito. Como coloca Pêcheux a formação discursiva é “aquilo que pode e deve ser dito – articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. – a partir da posição dada na conjuntura social” (1995, p. 160). Se o sujeito se identifica com a formação discursiva dominante passará a reproduzir os saberes dessa formação discursiva como se fossem saberes para ele tidos como evidências.

Esse trabalho da ideologia será colocado em questionamento no desenvolvimento das análises. O que podemos adiantar com relação a isso é que a rádio reproduz uma posição política, ideológica e de classe vinculada à ideologia dominante, a qual coloca como evidente saberes advindos da heteronormatividade, sendo as relações de afeto determinadas por sentidos biológicos. Esse discurso é colocado em circulação quando do questionamento do sujeito ouvinte pela não autorização da cantora Pablo Vittar como parte do repertório da rádio. Há, assim, a instalação de uma tensão e, na relação de forças entre rádio e ouvinte, a rádio acaba por determinar aquilo que pode e deve ser ouvido. Assim, vamos apontar que a rádio reproduz



saberes dominantes da heteronormatividade, ao passo que o sujeito ouvinte parece se identificar com saberes oriundos de uma formação discursiva da diversidade. Com base na teorização de Orlandi (2010), parece haver uma tentativa de apagamento da cantora, visto que ela não representa a heteronormatividade; sendo assim, é silenciada pela rádio, que não a vê como alguém “normal”. Nas palavras da autora:

Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Por esse mecanismo – Ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade, para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. (ORLANDI, 2010, p. 46)

Esse mecanismo trazido por Orlandi revela o trabalho da ideologia, que é de interpelar o sujeito para que este reproduza o discurso de determinada formação discursiva, tida como a dominante no complexo de formações discursivas que constituem o interdiscurso. O sujeito pode, é claro, não reproduzir os saberes da formação discursiva dominante, mas isso exige um trabalho de resistência, de questionamento feito aos saberes tidos como evidências, os quais reproduzem os pressupostos do sistema capitalista e do Estado burguês. Conforme Orlandi (2006, p. 17) “a posição sujeito e o sentido são relativos à inscrição a uma formação discursiva do dizer submetido à análise”; assim, expressões remetem ao sentido conforme a formação discursiva em que está inscrito o sujeito falante.

2 A formação discursiva

Sabemos que a noção de formação discursiva assinala, conforme as palavras de Pêcheux (2019, p. 314), a “especificidade da maneira pela qual as ‘coisas’ são designadas como idênticas e diferentes, e ainda, eventualmente, como contraditórias”. Sendo assim, as formações discursivas estão presentes no âmago das formações ideológicas, visto que, para Orlandi (2006, p. 17) “o discurso é a materialidade específica da ideologia”; portanto, as relações ideológicas se relacionam conforme as práticas linguísticas de determinada formação social. Esses desdobramentos ideológicos só são possíveis através das formações discursivas, pois é com as formações discursivas que o sujeito se identifica e, assim, consegue atribuir sentidos às palavras, expressões e proposições que são ditas/ouvidas.

O conceito de formação discursiva proposto por Michel Pêcheux faz um rearranjo a partir da proposta trazida por Michel Foucault em *Arqueologia do Saber* e, sob a ótica do materialismo histórico, é oferecido um olhar diferente em relação à noção de discurso. Não podendo mais ser vista sem que haja o contato das condições históricas de produção, “a semântica não é apenas um nível a mais, homólogo aos outros. “É que ‘o laço que liga as “significações” de um texto às



condições sócio-históricas desse texto não é de forma alguma secundária, mas constitutivo das próprias significações”’. (MALDIDIER, 2003, p. 31)

Portanto, o corpus deve ser analisado levando em conta as condições históricas de determinados discursos que, por sua vez, são reproduzidos a partir de formações discursivas dominantes ou dominadas, sendo que as formações discursivas dominadas se encontram em relação de antagonismo com as formações discursivas dominantes. Ao pensarmos assim, entramos em contato com a esfera ideológica que está presente em todo discurso, acompanhando a formação social na qual os sujeitos estão inseridos e, por sua vez, as formações discursivas com as quais se identificam.

Essas formações discursivas relacionam-se sob a forma de dominação, umas perante as outras, possibilitando que o conceito de interdiscurso dê sustentação para a análise do corpus. De acordo com Orlandi (2010, p. 31), “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”, dando margem à memória discursiva, ao “já-dito”.

Sendo assim, o interdiscurso se constitui em algo que já foi dito antes, em outro momento, em outro lugar. Ele é saturado de saberes que podem ser retomados a qualquer momento pelo sujeito falante. Para que uma expressão faça sentido, é necessário que ela já tenha sentido, ou seja, tenha sido dita em outro lugar, dando historicidade à expressão que aparecerá posteriormente em outros discursos.

3 Apresentação do corpus e elementos analíticos

Tomamos conhecimento do corpus através da rede social *on-line* Twitter, em que circularam prints dos diálogos estabelecidos entre ouvintes da rádio e um trabalhador da rádio. Analisaremos, então, as conversas materializadas através do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp. Os sujeitos ouvintes da rádio pedem a música “Parabéns”, da cantora *drag queen* Pablllo Vittar, e têm seus pedidos recusados pela rádio. Observemos que, nas duas conversas analisadas, os ouvintes escreveram para a rádio para solicitar a música “Parabéns” e, ao terem seus pedidos contestados, “printaram” a conversa e a veicularam no Twitter.

A Rádio Super FM 89,1 fica localizada na cidade de Papanduva, no estado de Santa Catarina, Brasil. Em sua rede social Facebook, a rádio diz ser “ecclética, voltada para o segmento popular” e “levando aos seus ouvintes os grandes sucessos nacionais e internacionais”, bem como conta com uma “equipe formada por profissionais que atuam no mercado há vários anos, demonstra boa receptividade e atende às expectativas de um grande número de ouvintes”. Entretanto, essa não foi a postura encontrada pelos dois ouvintes que solicitaram a música de



Pablo Vittar. A música da cantora já atingiu mais de 66 milhões de visualizações na plataforma de streaming YouTube; mesmo assim, foi feito um boicote à música, quebrando os valores da rádio que dizia ser do segmento popular e que deveria levar grandes sucessos aos seus ouvintes, que deveriam ser atendidos por profissionais receptivos, mostrando-se com um atendimento completamente diferente do que foi exposto em seu perfil. Na Figura 1 podemos observar, através da imagem, a conversa realizada entre um dos ouvintes e a rádio.

Figura 1 – Imagem referente à primeira conversa



Neste primeiro *print*, observamos a recusa seguida de estranhamento do sujeito que responde em nome da rádio, que se nega a tocar a música sob a justificativa de não saber se a cantora se define como “homem ou mulher”. Em entrevista à revista *Glamour*, a cantora deixa claro que se identifica com a orientação sexual homem gay e que, quando performando, assume uma identidade de gênero de *drag queen*, e, então, gosta de ser chamada no feminino por conta de sua personagem enquanto cantora. (BEZERRA, 2017)

Pensando na pergunta norteadora dita nas considerações iniciais, como o que está dito se relaciona com o interdiscurso? Ao revelar que não irá tocar a música por não saber qual é a identidade de gênero da cantora, a rádio está se posicionando ideologicamente de acordo com formação discursiva dominante, a heteronormativa. Observemos, ainda, que o diálogo encerra com a pergunta do ouvinte, “você frequentou a escola?”. Entendemos que o questionamento atualiza saberes vinculados a uma formação discursiva que traz o posicionamento ideológico de

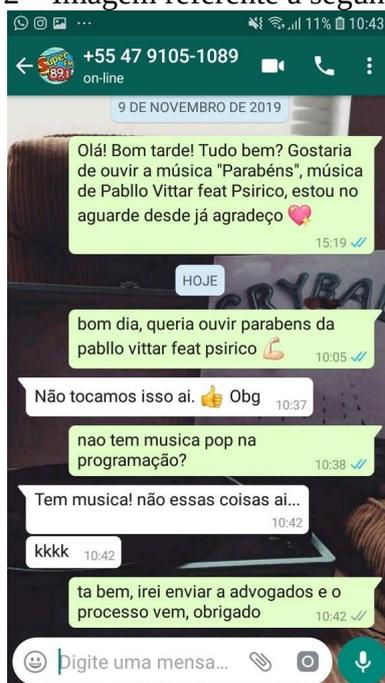


que a escola é a grande detentora de saberes, e que, ao repetir o discurso dominante heteronormativo/homofóbico, o sujeito está sendo ignorante diante do que lhes foi ensinado caso tenha ido à escola. Frequentar a escola, então, teria impedido que o interlocutor fizesse a afirmação “porque não sabemos se ele é homem ou mulher”. Curioso é que, na resposta, a referência à cantora se dá através do pronome pessoal masculino “ele”, o que parece indicar a interpretação do sujeito correspondente da rádio sobre a identidade de gênero da Pablló Vittar.

Ainda nos chama a atenção a justificativa empregada pela rádio para censurar a presença de Pablló na emissora: ao dizer que a cantora não terá a sua música tocada em função de não se saber se ela é homem ou mulher, a rádio apresenta uma justificativa não relacionada à questão musical. Poderia ser dito que a música não é famosa; que a cantora não é boa; que o tipo de música não condiz com a audiência; que já tocaram a música antes, mas obtiveram reclamações; dentre muitas outras possibilidades relativas à questão musical. No entanto, a rádio escolhe justificar sua censura em função de um elemento que em nada condiz com argumentos referentes à música. Censurar uma música de uma pessoa em função de sua identidade de gênero é uma marca potente de homofobia e transfobia, de discriminação sexual e de gênero, gesto que, no Brasil, é criminalizado, sendo equiparado ao crime de racismo.

No segundo *print* publicado, temos outra manifestação da rádio, a qual não atinge diretamente a sexualidade da cantora, mas, ao menosprezar a música que ela canta, acaba tangenciando a interpretação vinculada à sua sexualidade. O comentário do correspondente da rádio também é referente à música “Parabéns”, conforme pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 – Imagem referente à segunda conversa



Neste *print*, o ouvinte da rádio teve que ser insistente ao pedir a música, visto que já havia pedido a mesma música em outro momento e não obteve resposta. O silêncio operado pela rádio ao primeiro pedido do ouvinte também serve de objeto de interpretação: ao não responder ao ouvinte, o não-dito passa a significar. Marca-se, então, a censura à cantora, embora não se saiba, com esse gesto, os efeitos da identificação de gênero na posição assumida pela rádio. Tal censura pode ser associada à questão de gênero ao ser associada à conversa exposta na Figura 1.

Ao não obter resposta na primeira tentativa de ouvir a cantora, o ouvinte da segunda conversa pediu outra vez e teve a resposta: “não tocamos isso aí”. O correspondente da rádio está em negação à música, que ele mesmo não reconhece como música, dizendo “tem música! Não essas coisas aí... kkk”. O sintagma “essas coisas aí” tem como referente a música da cantora. Uma interpretação possível é de que o sentido estabelecido remete ao discurso do atual governo Bolsonaro, que legitima discursos heteronormativos e, ao mesmo tempo, contrários à orientação sexual homossexual. Orlandi e Vinhas (2017) consideram que essa atitude pode ser interpretada como de cunho fascista, visto que podemos pensar no conceito de fascismo a partir de duas perspectivas, sendo a primeira a que diz respeito de regimes totalitários, como, por exemplo, o nazismo alemão, e a segunda como exercícios do cotidiano que impõem estilos de vida, excluindo e rejeitando aqueles que não os seguem.

Esse tipo de discurso remete àqueles que se resguardam para uma salvação no âmbito nacional, salvação da moral e da família no país, criando a partir do outro uma visão desumanizadora e que permite agressões diárias, verbais e não verbais. No caso da rádio, a agressão verbal pode ser punida judicialmente. Como ameaça, o ouvinte ao dizer “tá bem, irei enviar a advogados e o processo vem, obrigado”.

Conforme já mencionamos, a posição assumida pela Rádio 89,1 Super FM é discriminatória. No entanto, apesar de estar previsto na Constituição, não significa que algo pode deixar de ser dito. Tudo o que é possível de ser dito está presente no interdiscurso e pode ganhar forma de existência material intradiscursivamente. Ao analisarmos o diálogo é possível constatar que os saberes reproduzidos pela Rádio 89,1 Super FM são oriundos de uma formação discursiva que cristaliza discursos heteronormativos, enraizados na nossa sociedade. A formulação do discurso da rádio provém da historicidade, do saber discursivo que foi sendo imposto ao longo da história, possibilitando o “dizível”, sendo esse referente a termos que menosprezam e silenciam a música da cantora *drag*.



4 A caracterização das formações discursivas

Com base nos comentários feitos anteriormente, é possível caracterizar as formações discursivas em jogo. A formação discursiva conservadora (FD1) da rádio é a dominante, presente e reforçada através do discurso heteronormativo, a construção social que envolve os papéis que devem desempenhar o homem e a mulher. Esse discurso ganhou força em meados do século XIX com a sociedade moderna burguesa. De acordo com Foucault (1988 p. 45), “a sociedade moderna tentou reduzir a sexualidade ao casal – ao casal heterossexual, e se possível, legítimo”. Com isso, pouco a pouco foram sendo proliferados discursos homogêneos acerca da sexualidade e o papel que cada sujeito deve cumprir, sendo o sexo o princípio regulador para a definição desses papéis.

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais. (FOUCAULT, 1988, p. 98)

Com essa citação é possível olharmos para nossa segunda formação discursiva (FD2), a dos sujeitos ouvintes da rádio que interagiram através do aplicativo de mensagens instantâneas, solicitando a música de Pablio Vittar, como ponto de partida para melhor a entendermos. A FD2 é submissa em relação à FD1, diante do que foi exposto e, corroborando com Butturi Junior e Sozo (2013), pode ser chamada de FD de defesa da diversidade.

Essa determinação histórica das formações discursivas interpela os sujeitos, fazendo com que o encontro com o outro traga consigo o momento de tensão entre as vozes discursivas, proporcionando a alteridade que se faz presente no diálogo. Como sabemos, o encontro com o outro jamais é indiferente, podendo colocar incertezas, dúvidas, questionamentos, surtindo atração ou repulsa por determinado discurso. Cada FD traz consigo um prisma sob o mundo, possibilitando diferentes maneiras de simbolizá-lo.

Segundo Pêcheux (2009, p. 24),

Uma formação discursiva é constitutivamente perseguida por seu outro: a contradição motriz não resulta do choque de ‘corpora contrastados’, cada um veiculando a homogeneidade dos antagonistas, mas desse efeito de sobredeterminação pelo qual a alteridade o afeta.

Essa alteridade possibilita as “condições concretas de existência das contradições pelas quais a história se produz”. (PÊCHEUX, 1981, p. 25) Sendo assim, ao colocarmos as formações discursivas sob os meios de análise discursiva, encontramos a memória como forma do pré-construído, sustentado pela palavra já-dita. Essa palavra já-dita, conforme vimos, está presente na formação discursiva a qual a rádio é interpelada.



5 Considerações finais

A recusa de tocar a música está ligada às questões que permeiam o discurso conservador, que é naturalizado na nossa formação social de diversas formas e arraigado pela heteronormatividade. No entanto, apesar da força desse discurso, isso não significa que a resistência a ele não seja possível. Ao se colocar contra o posicionamento da rádio, os sujeitos ouvintes estão evadindo preceitos que vêm sendo reproduzidos há anos, sendo um deles o silenciamento da voz do público LGBTQ+.

Essa representação imaginária das identificações de gênero provoca efeitos de sentido atribuídos somente ao sexo do indivíduo (enquanto genitália), limitando-o ao que pode e deve ser feito enquanto determinado por tal gênero que lhe é correspondente, e, por isso, diretamente relacionado à formação discursiva conservadora. Tal constipação causa muitos danos à nossa formação social, que vive um período de extrema violência contra a comunidade LGBTQ+: de acordo com o Grupo Gay da Bahia, até o mês de maio de 2019, foram registradas 141 mortes por homofobia; além disso, há outros 18 casos que esperam por justiça.

Tal preocupação é plausível no que tange à vida dos LGBTQ+ que se apresentam em risco constante em uma sociedade que humilha qualquer discurso que não seja o dominante. Neste artigo se almejou analisar e identificar as formações discursivas presentes no diálogo exposto, não deixando de expor a necessidade de se resistir aos saberes que causam opressão e reproduzem diferentes tipos de violência na nossa formação social.

Referências

ANDRADE, D. P. Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 233-252, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERSEXOS. *Manifesto intersexo: pela autonomia dos corpos*. São Paulo, 8 set. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/2To7PS5>. Acesso em: 22 out. 2020.

AYUSO, B. “Sou intersexual, não hermafrodita”: as pessoas que não se encaixam na atribuição tradicional do sexo pedem maior visibilidade, sem clichês ou desinformação. *El País*, Madrid, 17 set. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/3cT7HTn>. Acesso em: 12 maio 2021.

BARBIN, A. H. Minhas memórias. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 11-104.

BENTO, B. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.



BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHESNET. Questão de identidade; vício e conformação dos órgãos genitais externos; hipospadias; erro sobre o sexo. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 115-118.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2008.

DREGER, A. D. *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 9-79, 2001.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos, v. 4).

FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

FOUCAULT, M. O misterioso hermafrodita. In: *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Ditos e escritos, v. 9).

GOUJON, E. Estudo de um caso de hermafroditismo imperfeito no homem. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

HAKODA, T. Bodies and pleasures in the happy limbo of a non-identity: Foucault against Butler on Herculine Barbin. *Zinbun*, Kyoto, n. 45, p. 91-108, 2014.

JUDITH Butler entrevista Gayle Rubin. *Blog da Ubu*, São Paulo, set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3tNDVH2>. Acesso em: 12 maio 2021.

KESSLER, S. J. The medical construction of gender: case management of intersexed infants. *Signs Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 16, n. 1, p. 3-26, 1990.

LAFRANCE, M. Uncertain erotic: a foucauldian reading of Herculine Barbin dite Alexina B. *The Journal of Twentieth Century/Contemporary French Studies revue d'études français*, Abingdon, v. 6, n. 1, p. 119-131, 2010.



LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAYBOURN-CANDLISH, A. The discourse of the scalpel and the limbo of non-identity: doing justice to Herculine Barbin. *Res Cogitans*, London, v. 5, n. 1, p. 127-135, 2014.

LEE, P. A. *et. al.* Global disorders of sex development update since 2006: perceptions, approach and care. *Horm Res Paediatr*, Basel, n. 85, v. 3, p. 158-180, 2016.

MAÇÃO, I. R.; BENTIVOGLIO, J. C. Sistemas sexo/gênero: de Gayle Rubin a Paul B. Preciado. In: ENCONTRO INTERNACIONAL ENGÊNERO, 3., 2018, Vitória. *Anais [...]*. Vitória: Laboratório de Estudos de Gênero, Poder e Violência, 2019. p. 465-483. Disponível em: <https://syr.us/coQ>. Acesso em: 12 maio 2021.

MACHADO, P. S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, Florianópolis, n. 24, p. 249-281, 2005.

MIRANDA, L. R. *No existe sexo sem racialización*. Madrid: El porvenir de la revuelta, 2017.

PORTER, R. J. Figuration and disfigurement: Herculine Barbin and the autobiography of the body. *Prose Studies: History, Theory, Criticism*, Abingdon, v. 14, n. 2, p. 122-136, 2008.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1, 2014.

RELATÓRIOS. In: FOUCAULT, M. (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 111-130.

ROHDEN, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, suppl., p. 133-152, 2008.

RUBIN, G. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu, 2017.

ST. JACQUES, J. *Sexual ambiguity: narrative manifestations in adaptation*. 2014. Tese (Doutorado em Humanidades) — Amsterdam School for Cultural Analysis, Amsterdam, 2014.

